

Mafalda e a Luz

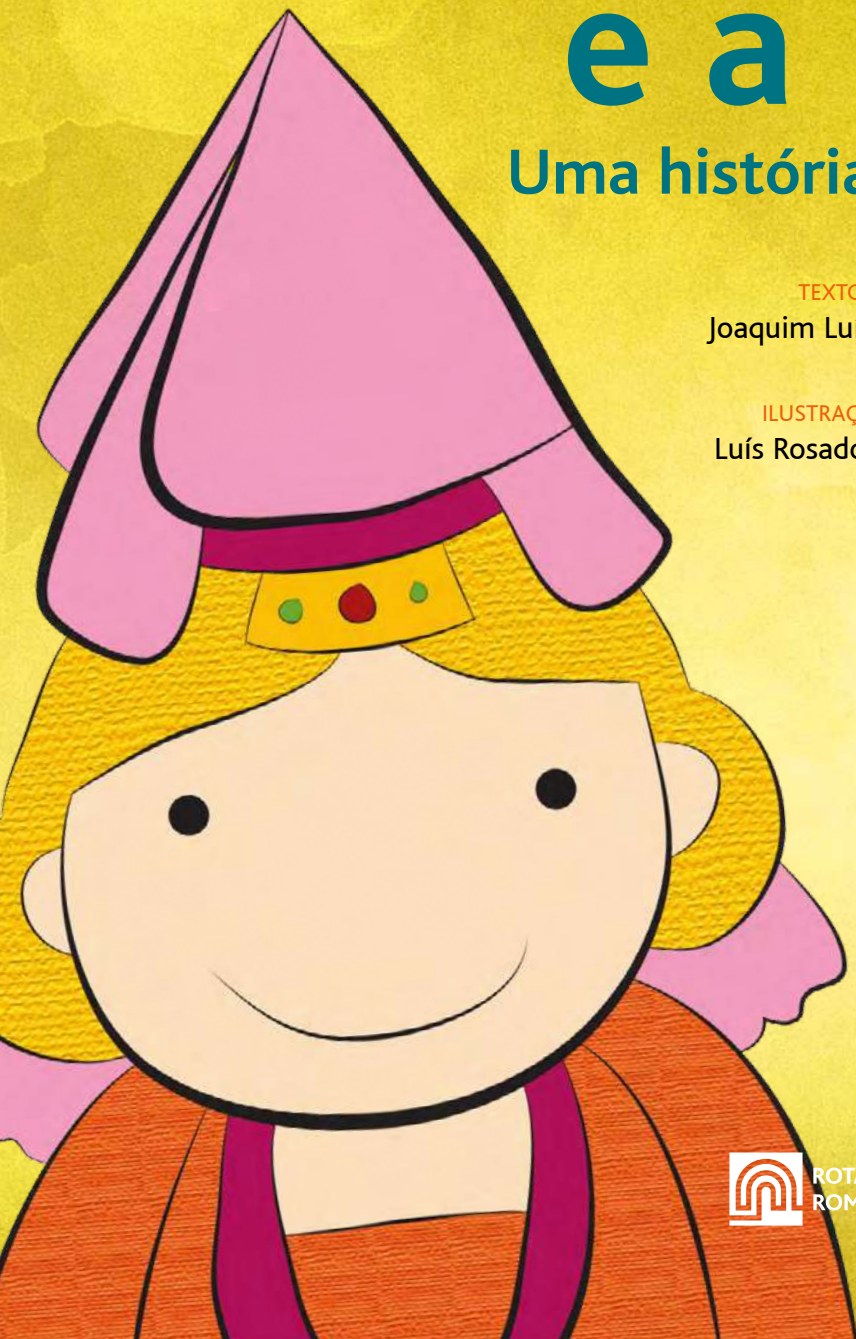
Uma história românica

TEXTO

Joaquim Luís Costa

ILUSTRAÇÕES

Luís Rosado Lopes



ROTA DO
ROMÂNICO

Título Mafalda e a Luz, uma história românica
Propriedade e Edição Rota do Românico
Coordenação Geral Luís Monteiro
Revisão da Edição António Coelho
Texto Joaquim Luís Costa
Ilustração Luís Rosado Lopes
Design Gráfico Fedra Santos
Impressão Rainho & Neves
Tiragem 1000
Edição 2.ª – Junho de 2023
1.ª – Dezembro de 2014
ISBN 978-989-53883-3-2
Depósito Legal 517409/23



© Rota do Românico
Praça D. António Meireles, 45
4620-130 Lousada
T. +351 255 810 706
T. +351 918 116 488
rotadoromanico@valsousa.pt
www.rotadoromanico.com

Cofinanciado por:





Mafalda e a Luz

Uma história românica

TEXTO

Joaquim Luís Costa

ILUSTRAÇÃO

Luís Rosado Lopes



ROTA DO
ROMÂNICO

Final da tarde de um lindo dia primaveril de 1195.

D Sancho I, segundo rei de Portugal, montado no seu cavalo, cavalga ansiosamente para norte para assistir ao nascimento do seu bebé.

Um mensageiro real tinha galgado meio reino, de noite e de dia, desde as terras de Arrifana de Sousa, para levar a el-rei a boa-nova:

– Meu Senhor, o Vosso novo descendente está para nascer. Correi para junto de Vossa esposa e rainha de Portugal, D. Dulce de Aragão, que tanta ajuda precisa nestas horas de alegria, mas também de dor. – Disse o mensageiro com ar cansado.

O monarca não estava junto da sua rainha. Tinha-se deslocado a Leiria, com o escrivão-mor e escoltado por um pequeno exército, para conceder carta de foral a esta terra com a intenção de promover o seu povoamento. Antes de chegar a Leiria tinha pernoitado no mosteiro de Santa Maria de Seiça, perto de Coimbra, onde aproveitou para avisar os religiosos que lá residiam da doação desse mosteiro aos monges cistercienses de Alcobaça.

Era disto que ele gostava: oferecer privilégios às populações e às ordens religiosas para que pudessem ajudar a povoar o reino. Considerava que a criação do reino de Portugal era uma vontade nacional e, por isso, todos deveriam participar. Detestava a guerra, apesar de saber que, por vezes, era inevitável:

– Primeiramente, usaremos a diplomacia e só como último recurso, e com a ajuda de Deus... utilizaremos as armas! – Dizia Sancho I, vezes sem conta, aos seus conselheiros.

Meu Senhor, o Vosso
descendente está
para nascer.



Apesar de este ser o seu nono descendente, o rei estava nervoso com o nascimento, pois sentia que este era especial. – Será por fazer dez anos que meu pai, Afonso Henriques, faleceu e eu fui coroado rei? – Pensava ele. Não sabia a resposta. Mas pressentia que deste parto sairia alguém que ficaria na história! Todavia, tinha um íntimo desejo... Gostava que fosse uma menina.

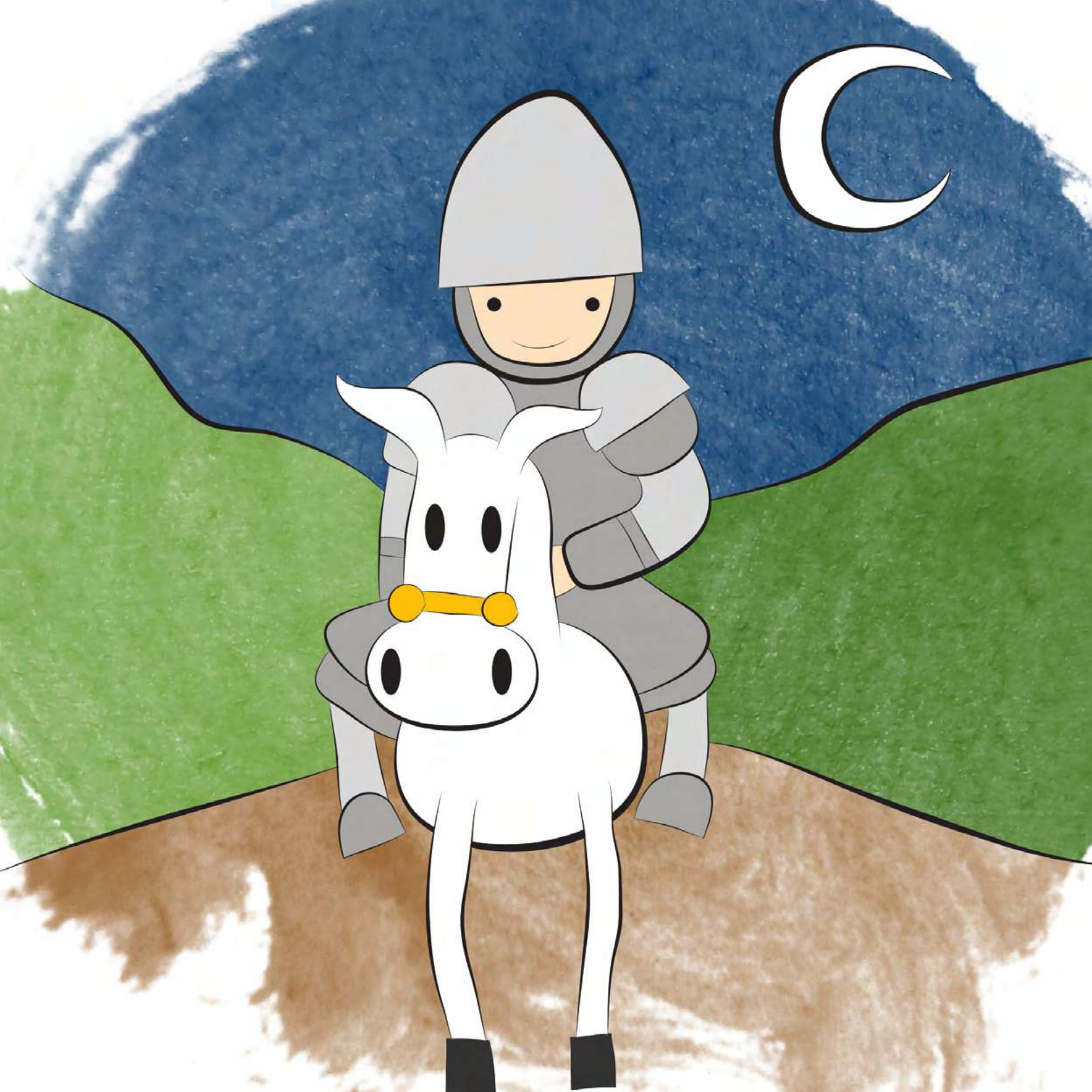
Embora já tivesse as filhas Teresa e Sancha, sofria em silêncio a perda, em tenra idade, de Constança, uma outra sua filha. Precisava assim de uma bebé que trouxesse uma nova vivacidade e energia à Corte. Por isso, tinha prometido a ele mesmo que, caso fosse uma menina, lhe colocaria o nome que significava energia: Mafalda. Por coincidência, esse era o nome da sua estimada e santa mãe.

Apesar do nervosismo, Sancho I sabia que o parto ia correr bem. A rainha estava em boas mãos, pois encontrava-se aos cuidados de monges beneditinos e acompanhada pela nobre e leal família dos Ribadouro.

Enquanto cavalgava noite dentro e com o propósito de afastar a inquietação de ser novamente pai, centrou a mente na enorme gratidão que tinha para com os senhores de Ribadouro.

– Era uma linhagem muito chegada à nossa família. – Meditava o rei.
– Esta proximidade vinha desde os tempos do meu avô, o conde D. Henrique, quando era conde de Portucale. – Continuava a refletir para ele mesmo.





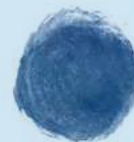
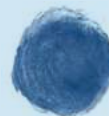
Mais tarde, essa amizade tornou-se ainda mais forte quando Egas Moniz assumiu o cargo de educador do seu pai, Afonso Henriques, desde os três anos de idade. Falava-se mesmo que este nobre tinha tido o poder de interceder perante a Virgem Maria para que o jovem Afonso fosse curado de uma deficiência de nascença. Depois, em modo de agradecimento, Egas Moniz mandara construir nas bonitas terras de Cárquere um mosteiro em honra da Santa Virgem.

Mas o aio do seu pai foi mais que um educador, sendo um dos grandes mentores e conselheiros para a criação do reino português. Quando Afonso Henriques, seu pai, lhe ia dar o beijo de boa noite, recordava-lhe sempre a frase que Egas lhe repetia quase diariamente:

– Jamais abandones o sonho de dar um reino ao teu povo!

Sancho I não conheceu Egas Moniz. Este tinha subido aos céus no ano de 1146 e fora sepultado na capela do Corporal, no seu Mosteiro de Paço de Sousa. No entanto, lembrava-se muitas vezes de acompanhar o seu pai Afonso à referida capela. Aliás, sempre que havia uma batalha, o seu progenitor, antes de seguir para a frente de combate, vinha ao túmulo do seu educador e ajoelhando-se... rezava e chorava.

Esta ligação com os de Ribadouro não acabou com o desaparecimento físico de Egas Moniz. Manteve-se na geração seguinte com Sancho I. Este, ainda criança, tinha sido educado por Teresa Afonso, viúva de Egas Moniz. Como tinha feito o seu marido, Teresa soube transmitir ao jovem príncipe valores religiosos e políticos que fariam de Sancho um grande rei.



Jamais abandones o sonho...



... de dar um reino ao teu povo!

– Muita gratidão a minha família tem para com os de Ribadouro. – Era a conclusão a que chegava sempre quando o assunto era esta linhagem.

Então, como reconhecimento pelos serviços prestados, seriam novamente os senhores de Ribadouro a educar o novo elemento da família real.

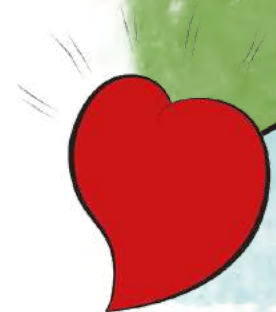
– Vamos fazer o convite a Urraca Viegas. É a pessoa mais capaz para este trabalho. – Recordava ele a conversa que tivera com a rainha, dias antes de partir para sul.

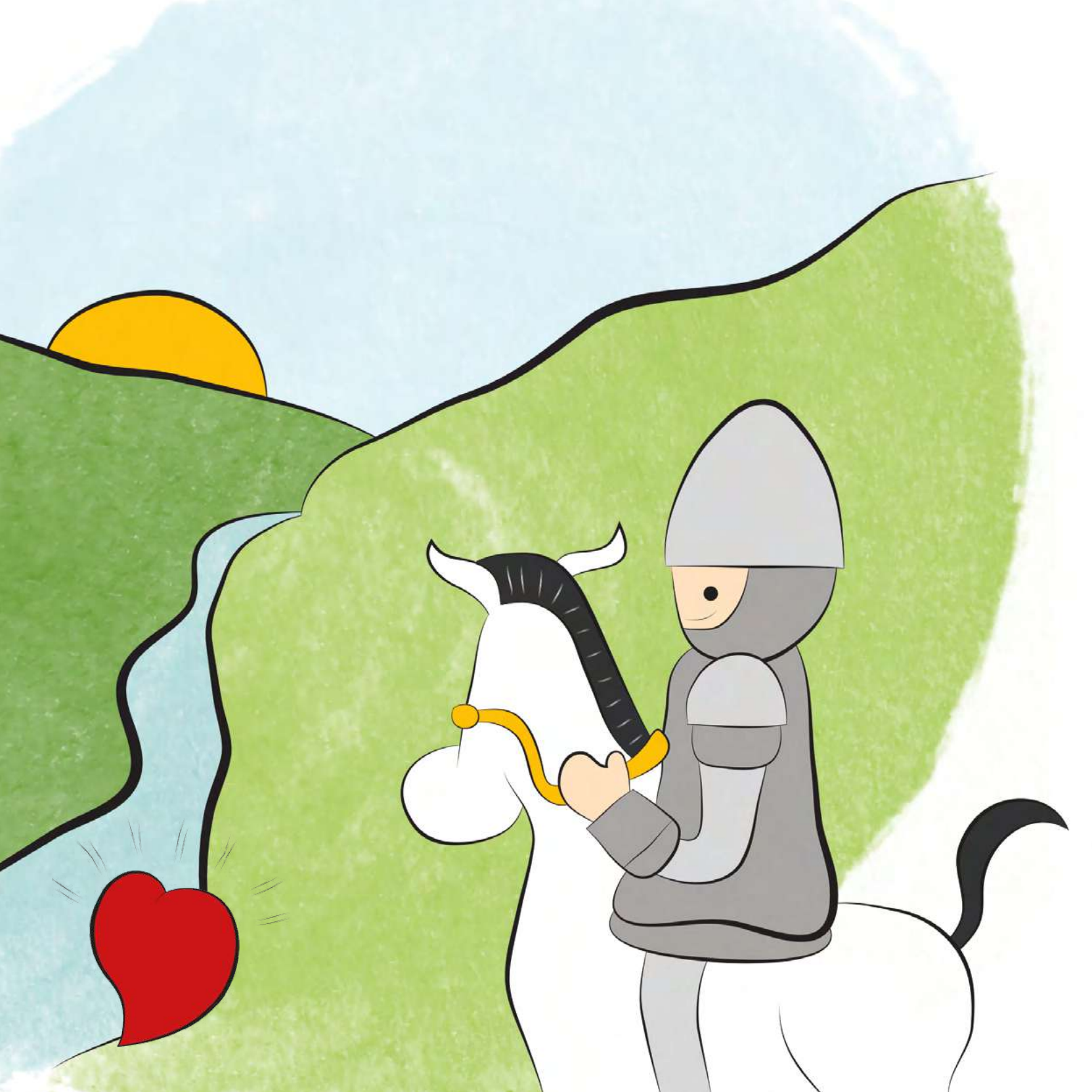
– De certa forma, é também nossa familiar, o que nos dá mais garantias de uma esmerada educação. Para mais, os seus 65 anos de idade e cabelos brancos fazem dela a pessoa ideal... – Lembrava-se ele dos argumentos apresentados pela rainha para concordar com a escolha.

De facto, em Urraca Viegas corria sangue real, pois tinha sido casada com Vasco de Celanova, neto do conde D. Henrique, portanto, familiar de Afonso Henriques e de Sancho I.

Quando o rei se apercebeu, o sol tinha acabado de nascer e estava junto às margens do rio Sousa, preparando-se para o galgar. Já avistava, ao longe, o vale do qual se destacava o mosteiro onde naquele momento se desenrolava o parto.

Quanto mais se aproximava, mais forte e rápido era o compasso do seu coração...





Porém, quando chegou ao destino sentiu no ar um misto de alegria e tristeza. – Que terá acontecido? – Interrogou-se.

Foi prontamente cercado por soldados e pelo abade do mosteiro. Enquanto os militares lhe seguravam no cavalo – o Popular –, que mais uma vez tinha demonstrado a sua enorme cumplicidade para com seu dono, cavalgando desde Leiria até terras de Arrifana sem parar, o clérigo imediatamente colocou Sancho I a par dos acontecimentos:

– Meu Senhor, a rainha D. Dulce de Aragão teve uma infanta. Esta encontra-se bem de saúde, pela graça de Deus. – Dizia o abade. – Infelizmente, o mesmo não acontece com a rainha. Está muito fraca, devido a um parto muito difícil. Acha-se, neste momento, a descansar. Rezemos para que melhore rapidamente. – Concluía deste modo o clérigo.

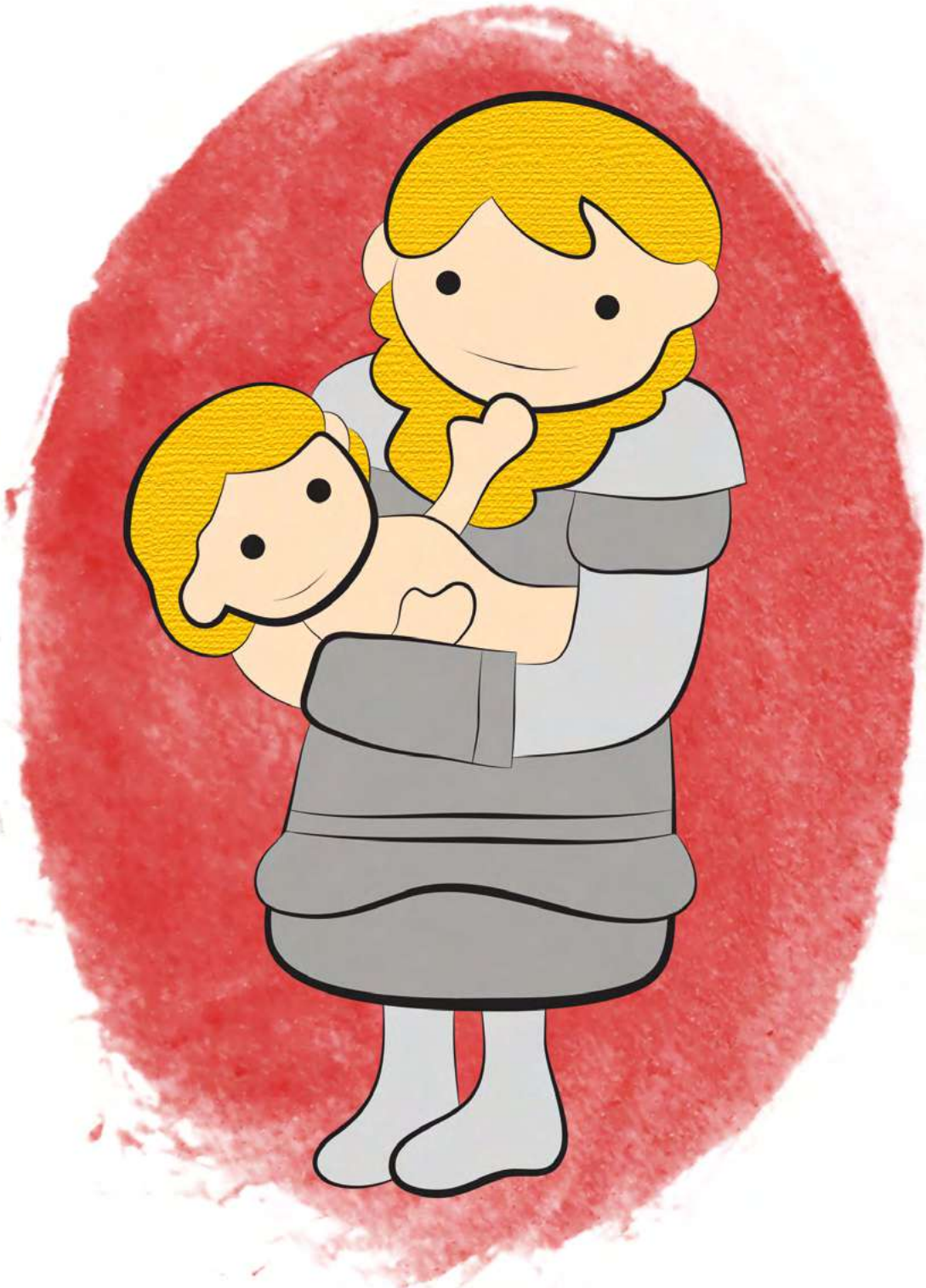
– Obrigado por tudo o que fez por Sua Majestade e pela nova infanta. Os vossos serviços serão recompensados. – Agradecia desta forma o rei enquanto era conduzido, pelos claustros, para os aposentos onde se encontrava a sua esposa e a sua filha.

Contrariamente ao esperado, o nascimento não tinha corrido da melhor forma. Contudo, o monarca português estava esperançado que sua esposa recuperasse rapidamente: – Ela é uma mulher que não se deixa...

O pensamento que estava a ter sobre o forte carácter da rainha fora desviado inevitavelmente para o choro que vinha do interior dos aposentos.

– A minha filha, a infanta Mafalda, está a chorar! – Disse ele com ar de felicidade.

O abade riu-se e, como anfitrião orgulhoso por ter nascido no seu mosteiro um descendente da casa real, abriu a porta duma das celas da hospedaria. Lá dentro estava Urraca que se encontrava junto do berço real. Quando viu entrar o rei, a futura aia fez uma vénia ao monarca, em sinal de respeito.



Logo que Sancho I chegou junto do berço, Mafalda fixou os seus pequenos olhos no seu pai, parando de chorar, como que reconhecendo aquele senhor alto, de longas barbas e enfarpelado em ferro.

– Sim, sou eu, Sancho I de Portugal. Teu pai! – Disse-lhe em tom afetoso, enquanto pegava nela ao colo e a afagava junto do seu corpo.

Decorre que a pequena bebé não gostou desta sensação. Voltou a chorar ruidosamente. Talvez o picar da barba ou o frio transmitido pelo metal que emoldurava o corpo do rei tivessem provocado esta reação.

Com o intuito de a acalmar e não acordar a rainha, sua mãe, que na cama ao lado dormia, o monarca pegou na sua coroa e, suavemente, colocou-a na pequena cabeça de Mafalda. Carinhosamente, disse-lhe:

– Experimenta a coroa, porque um dia vais ser rainha!

Mal acabara de pronunciar esta frase, um resplandecente raio de sol rompeu por uma fresta atingindo a coroa, como se os deuses celestes confirmassem o dito. Sancho, o abade e Urraca olharam uns para os outros, espantados e sem saberem o que dizer, após terem assistido a este episódio.

– Senhor meu rei, como a infanta nasceu em casa religiosa, o melhor caminho seria seguir a vida dedicada ao Salvador e ao nosso patrono, São Bento. – Disse o abade numa tentativa de desanuviar a situação.

Ignorando a sugestão feita pelo clérigo, Sancho I ficou largos minutos a contemplar a sua filha.

De cabelo castanho, que combinava com uns olhos da mesma cor, e pele morena e macia, notava-se que a sua extraordinária beleza iria marcar a sua vida.

– Mafalda é muito parecida comigo! – Pensou Sancho, todo convencido.

Aproveitando a presença de Urraca Viegas, o rei português convidou-a para ser a aia da nova infanta. Esta, emocionada, aceitou o convite com toda a modéstia e sentido de responsabilidade e rumou com a família real para a Corte.

Experimenta a coroa,
porque um dia vais
ser rainha!





As estações do ano foram passando...

16

Quando a infanta Mafalda fez dois anos, Urraca Viegas deu-lhe como prenda uma mula. Esta tinha apenas poucos meses de idade. Mafalda, ao ver o seu presente, tremeu de alegria! Foi amor à primeira vista.

De orelhas pequenas, pelo curto e castanho brilhante, com crina, cauda e patas negras, a mula assemelhava-se a algo fofo, que apetecia abraçar! Estava sempre bem disposta e pronta para brincar. Devido à cor do seu pelo, que brilhava como mogno polido, Mafalda deu-lhe o nome de Luz.



Foi amor à primeira vista.

Seria assim a companhia ideal para uma criança. A partir daquele dia nunca mais se separaram. Onde estava a pequena Mafalda, achava-se a mula. Chegou mesmo a querer que a Luz dormisse junto dela nos seus aposentos reais! E, como recordara Teresa Afonso, foi muito difícil para os pais, e reis de Portugal, convencê-la a desistir da ideia, demonstrando desde pequena uma forte convicção naquilo em que acreditava.

Infelizmente, a infância afortunada que tinha foi interrompida por um trágico acontecimento: a sua mãe adoeceu gravemente e morreu poucos meses depois. A forma como presenciou os últimos tempos de vida da sua mãe, que todos os dias rezava à Nossa Senhora da Silva para a conduzir aos céus, marcou-a para toda a vida. Para recordá-la, Mafalda todos os anos montava na sua mula e rumava para a sé do Porto para rezar à dita santa.

Certo ano, e após estadia em terras de Soalhães, onde tinha a pastar uma manada de bois, ao iniciar mais uma deslocação para o Porto e quando se preparava para atravessar a ponte mandada construir por sua avó, no rio Tâmega, deparou-se com um homem a tentar escapar das correntes traiçoeiras do rio. Imediatamente, foi em seu socorro. Como a infanta não sabia nadar, cortou uma cana que crescia junto das margens do rio para que o homem se pudesse agarrar a ela e, assim, com a ajuda da Luz, Mafalda conseguiu resgatá-lo das águas.

Só depois de o homem estar a salvo é que notou que tinha acabado de pescar um monge da ordem de Cister!

Após se ter recomposto do susto, o monge agradeceu a valentia da infanta e disse que se chamava Bernardo. Depois, explicou-lhe que tinha sido deitado ao rio pelos populares, porque estes pensavam que ele tinha a peste.



– Perdoei-lhes o que me fizeram. Ausentei-me há três dias da minha casa religiosa de São João de Tarouca a caminho do mosteiro de Arouca, quando fui surpreendido pelos populares. Estava todo sujo e eles confundiram as manchas de sujidade com a peste! – Dizia Bernardo enquanto descansava.

– Felizmente, nestes campos sobre o Tâmega, as canas às vezes são úteis para pescar e, pelos vistos, também para salvar! – Exclamava Mafalda, enquanto fazia uma fogueira para ajudar o monge a secar o seu hábito branco.

– Como me salvou, convido-a a visitar o nosso futuro mosteiro de Arouca. Não se vai arrepender! – Disse o monge, sorrindo.

Perante o referido pelo monge, Mafalda susteve-se com o que ouviu. – “Nosso futuro mosteiro”? – Pensou ela. O uso das palavras “nosso” e “futuro” suscitara na infanta alguma estranheza. Então, voltou-se para trás, mas...

– Onde está Bernardo? – Disse Mafalda. Olhou em volta e não o viu. Ficou preocupada. – Será que o homem caiu novamente ao rio? – Pensou ela.

Notou, porém, que Luz estava a olhar para o horizonte, como que acompanhando algo. Direccionando-se também para a mesma linha do horizonte, viu ao longe o monge a desaparecer entre a floresta.

Mafalda não entendeu a atitude do religioso, de sair sem se despedir e ainda mais com as roupas molhadas.

– Talvez ficasse com medo de que a população viesse novamente ao encontro dele. – Disse a infanta para a mula.



Onde está
Bernardo?



Depois deste episódio, resolveu seguir, como planeado, a viagem para o Porto.

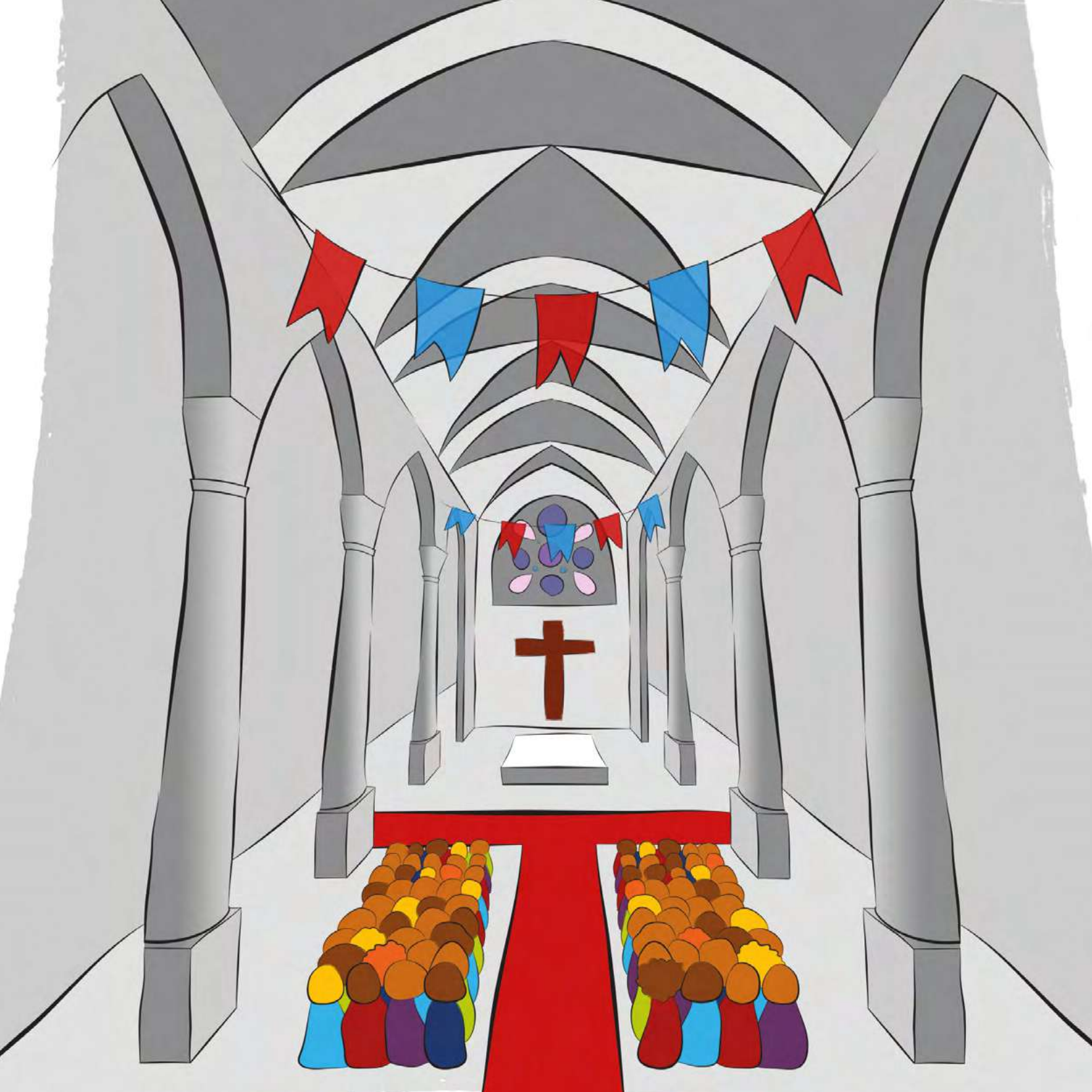
Embora fosse uma jovem muito bela e formosa, o que a colocava como uma das infantas mais desejadas por nobres, infantes, príncipes e mesmo reis de toda a Europa, Mafalda tinha uma aspiração secreta: seguir a vida religiosa. Em todas as viagens que fazia à Nossa Senhora da Silva esse desejo aumentava.

Mas este anseio foi interrompido pelo seu irmão Afonso. A 26 de março de 1211, o seu pai Sancho I morreu e quem lhe sucedeu no trono foi o seu irmão, com o título de Afonso II. Era um homem rude, mal-educado, dominador e conflituoso.

– Gosta de mandar! – Confidenciava a bela infanta à sua aia.

Afonso II, apesar de saber do desejo de Mafalda, não estava convencido da utilidade da irmã como religiosa. Com um conflito para resolver com Castela, o rei viu na beleza de Mafalda um trunfo para conseguir a paz com o reino vizinho.

– Mafalda Sanches, infanta de Portugal e minha irmã: tenho uma missão para ti. Quero que te unas através de casamento com o jovem Henrique, futuro rei de Castela. Faz isso pelo reino construído pelos nossos avós e pais!
– Impunha incondicionalmente o monarca.



Apesar de não ter vontade de assumir este encargo, Mafalda, para bem do reino, optou por cumprir as ordens. Parte desanimada, com a sua mula, para Castela para conhecer e casar com Henrique.

A cerimónia do seu casamento aconteceu em agosto de 1214 e foi digna de um conto de fadas. Toda a Europa esteve presente. A festa durou vários dias. Foi o casamento mais falado nesse ano nos pergaminhos cor-de-rosa. Com esta união, Mafalda tornou-se rainha de Castela e uma das mulheres mais poderosas dos reinos ibéricos.

Todavia, houve quem não gostasse desta união. Berengária, ex-rainha de Leão, queria que o seu irmão Henrique se casasse com outra pretendente.

A partir daqui, todos os segundos, minutos, horas, dias, meses e anos foram difíceis. Na Corte, em Castela, encontrou diversas intrigas à sua figura arranjadas por Berengária. Esta fez de tudo para anular este casamento. Chegou mesmo a fazer queixinhas ao papa.

– Parece que ninguém gosta de mim! – Desabafava Mafalda com a sua antiga aia, Urraca Viegas.

– A D. Berengária está sempre contra o que faço, procurando motivos para colocar Henrique I contra mim. É uma bruxa má! – Continuava a desabafar com Urraca.

Parece que ninguém
gosta de mim!



– De facto, do reino de Castela nem bons ventos, nem bons casamentos. No entanto, Vossa Majestade tem uma missão a cumprir para proteger o reino que a viu nascer e crescer. Continue a rezar a Nossa Senhora da Silva para que esta a proteja nesta missão. – Aconselhava Urraca Viegas.

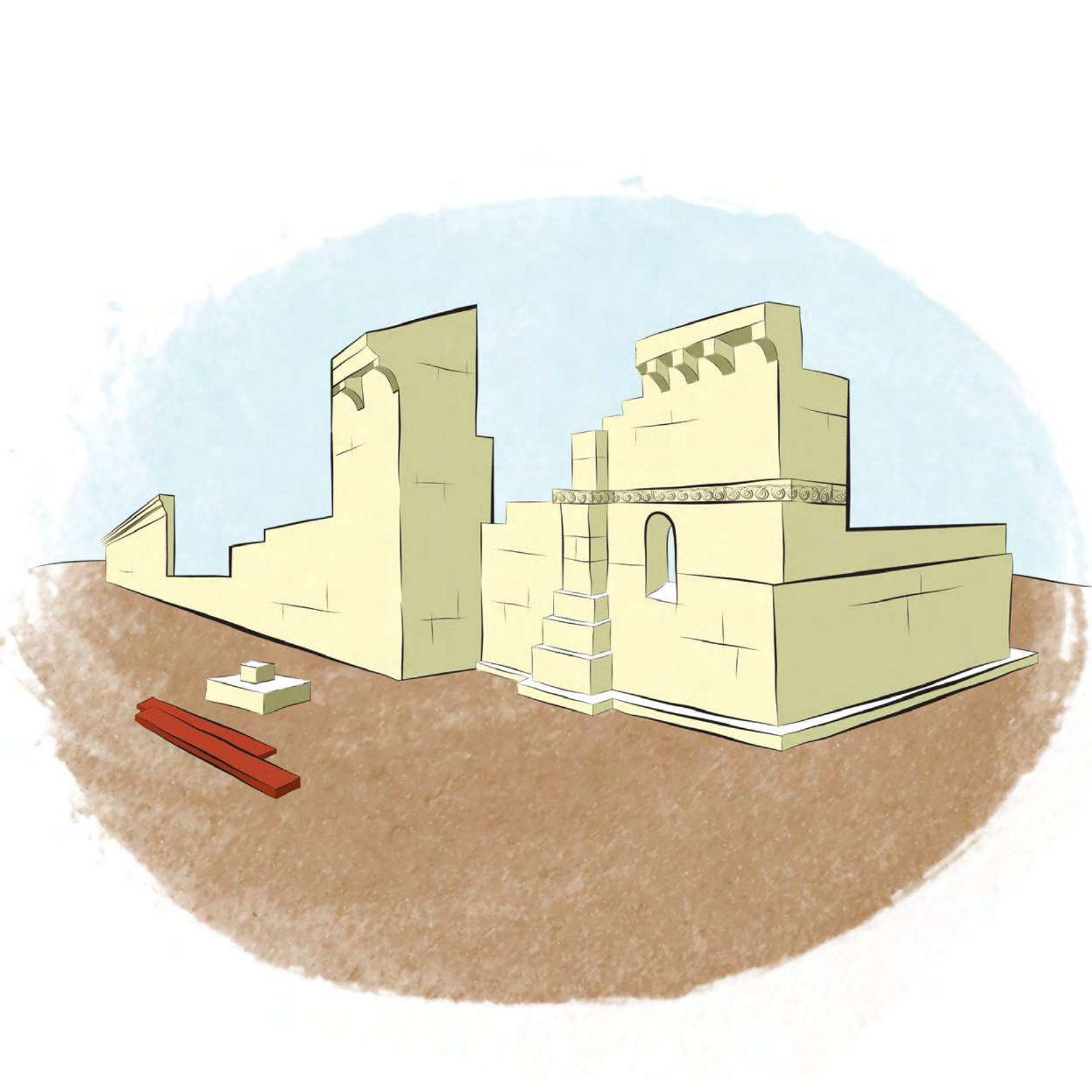
Sucedeu que a referida santa ouviu as preces de Mafalda: Henrique morreu no ano de 1217 ao cair do seu cavalo. Dissolvido com a ajuda de Deus, Mafalda ficou livre deste casamento, da Corte castelhana e principalmente de... D. Berengária. Podia, assim, voltar para Portugal e tentar seguir a vida religiosa.

No entanto, antes disso, Mafalda precisava de clarificar uma frase que não lhe saía do pensamento: “Nosso futuro mosteiro”. Querendo esclarecer o assunto e talvez encontrar Bernardo, rumou para o referido mosteiro, em Arouca.

Quando estava a caminho, ao passar por Abragão, deparou-se com a população a rezar em redor de uma igreja em ruínas. Admirada, decidiu fazer uma pausa para se inteirar do que se passava.

– Esta é a nossa igreja dedicada a São Pedro. Infelizmente, como estava velhinha, veio uma tempestade com vento muito forte e o telhado e parte das paredes laterais desabaram. – Diziam os populares muito desanimados.

– Estamos agora a rezar ao nosso santo padroeiro para que faça o milagre de restaurar a nossa casa de oração. – Continuavam a dizer os populares a Mafalda.



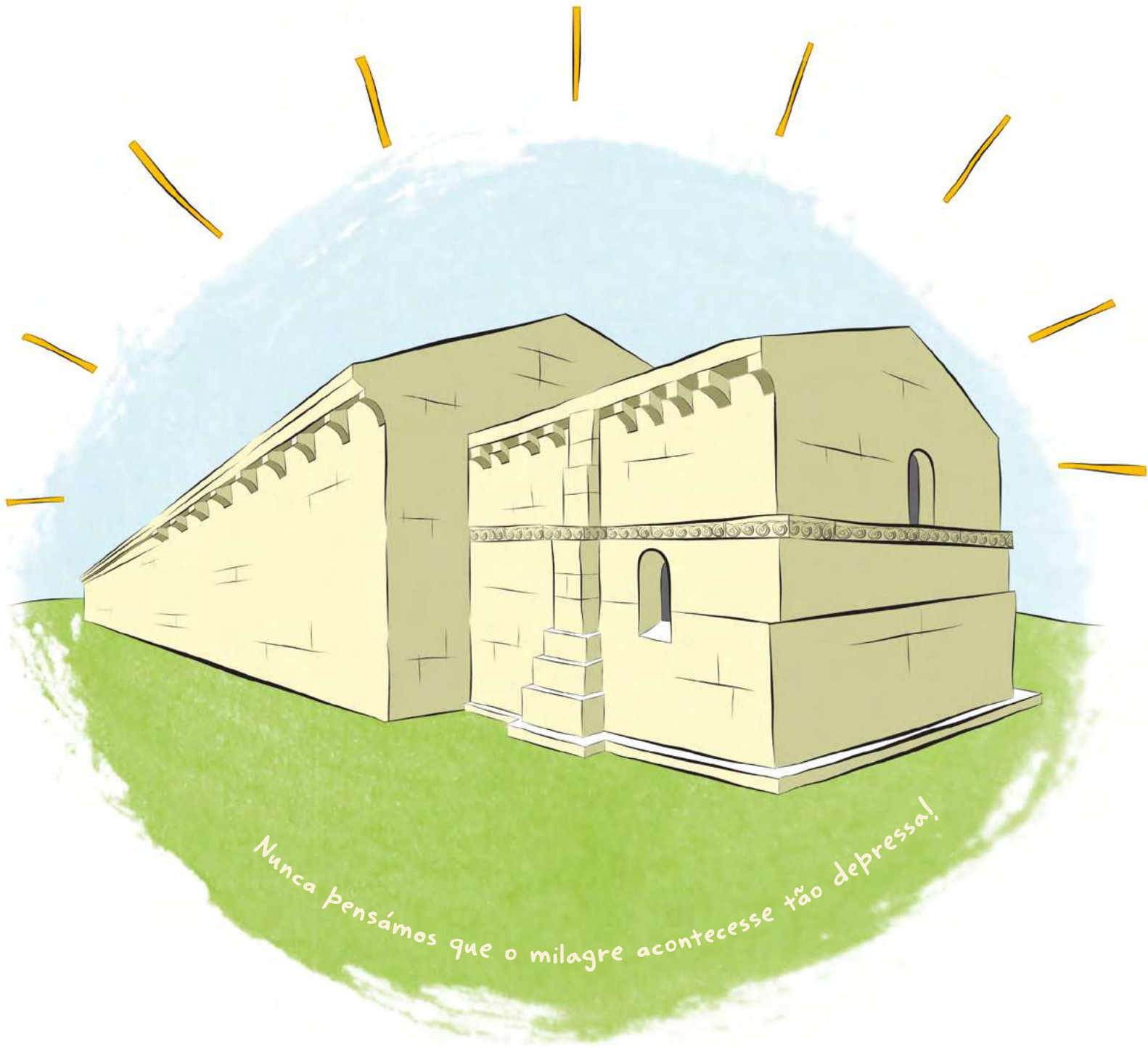
Mafalda, emocionada com tanta fé, juntou-se à população nesta cerimónia. No final, ofereceu-se para restaurar a igreja. Perante esta inesperada e tamanha oferta, a população ficou, por momentos, desconfiada:

– Nunca pensámos que o milagre acontecesse tão depressa! Sempre achámos que teríamos de rezar mais e só após muitas promessas é que o nosso pedido seria atendido. Cochichavam os locais, padre da freguesia incluído.

A desconfiança só desapareceu quando a nossa protagonista se apresentou como Mafalda Sanches, filha de D. Sancho I e irmã de Afonso II, reis de Portugal, e mostrou o seu selo real.

Nesse momento, todos suspiraram de alívio e começou uma festa que prometia durar vários dias. Com uma missão a cumprir, Mafalda não ficou até ao final dos festejos e, antes de partir, prometeu voltar no ano seguinte para inaugurar a nova igreja. Depois, rumou para o destino que estava na sua mente.

Chegada ao mosteiro de Arouca, uma espada de infelicidade rasgou o seu coração. Para sua surpresa não havia nenhum monge chamado Bernardo, pois era um mosteiro feminino, da ordem beneditina, e achava-se muito desorganizado. As monjas estavam revoltadas, porque diziam que ninguém cumpria com o que São Bento e Santa Escolástica tinham escrito nas regras da ordem.



Nunca pensámos que o milagre acontecesse tão depressa!

– Queremos uma solução para o nosso mosteiro... mas ninguém nos ouve, ninguém nos quer ajudar. – Relatavam angustiadas as monjas.

A princesa, ao testemunhar esta situação, lembrou-se do episódio acontecido nas margens do rio Tâmega e, finalmente, entendeu o que se tinha passado: ela salvou das águas Bernardo de Claraval, o santo patrono da ordem de Cister que, como forma de agradecer o gesto de Mafalda, convidou-a a mudar o mosteiro de Arouca dos beneditinos para os cistercienses!

– Daí Bernardo ter dito o “nosso futuro mosteiro”! – Concluía Mafalda.

Radiante por ter resolvido uma dúvida que a atormentava há vários anos, Mafalda prometeu às monjas que as ajudaria a solucionar os seus problemas. E assim foi. Mafalda pediu ao bispo de Lamego, D. Paio, a mudança de hábito nesta casa religiosa, tendo-a conseguido. De seguida, foi viver para este mosteiro, concretizando o seu sonho antigo: dedicar a vida a Deus e aos mais necessitados.

Mafalda sentia-se realizada. Vestida de hábito branco, fazia-se sempre acompanhar por um crucifixo ao peito e uma Bíblia nas suas mãos. Passava noites inteiras a meditar e, sempre que podia, visitava as populações da região e ajudava-as no que elas precisavam. Como prometido, esteve na inauguração da nova Igreja de São Pedro de Abragão.



Também não se esquecia de visitar a Nossa Senhora da Silva, na sé do Porto, como fazia desde a elevação da sua mãe aos céus. E foi numa das viagens de regresso a Arouca que Mafalda encontrou o caminho para junto da sua progenitora.

A 1 de maio de 1256, a nossa princesa sentiu-se doente em Rio Tinto, acabando por adormecer para a eternidade, com a Luz a seus pés. Antes de iniciar o sono perpétuo, teve tempo de deixar todos os seus bens a vários mosteiros como o de Paço de Sousa, Vila Boa do Bispo e à Igreja de São Martinho de Mouros.

A tristeza pelo sucedido foi grande em toda a região. Os sinos das igrejas tocaram dias seguidos, como forma de a recordar. Correu logo um pedido para que o papa a considerasse santa da Igreja Católica.

Quando o corpo de Mafalda chegou a Arouca, e enquanto todos a veneravam, Luz, a sua fiel mula, desapareceu e nunca mais ninguém a viu. No entanto, a lenda conta que todos os anos, no dia 1 de maio, a mula faz o caminho de Rio Tinto até Arouca, descansando nos locais onde parou o cortejo fúnebre com o corpo de Mafalda. Mas a sua função não se fica por aqui: durante a noite, ilumina todos os peregrinos a caminho da sé do Porto, sob a forma de estrela cadente. De dia, repousa junto do túmulo da sua dona.

As populações também não se esqueceram da santa e da sua fiel companheira. Para as recordar construíram, em suas honras, monumentos em Irivo, Castelo de Paiva e Arouca, demonstrando que Mafalda e a Luz fazem parte da história românica da nossa região.



A história trocada em miúdos...

Esta história baseia-se na vida e em lendas de Mafalda Sanches, filha de D. Sancho I e de D. Dulce de Aragão. Mafalda terá nascido em meados do ano de 1195 e falecido a 1 de maio de 1256. Fazia-se deslocar numa mula. Ficou com fama de milagreira e, por isso, foi beatificada a 27 de junho de 1793 pelo papa Pio VI.

Afonso Henriques, o Conquistador

Filho do conde D. Henrique e D. Teresa, nasceu por volta de 1109 e faleceu a 6 de dezembro de 1185. Foi o primeiro rei de Portugal.

Arrifana de Sousa

Antiga designação dada ao atual concelho de Penafiel.

Berengária de Castela

Nasceu em 1180. Com a morte do seu irmão Henrique I, tornou-se rainha titular de Castela em 1217.

Bernardo de Claraval

Santo patrono da ordem de Cister. Os seus monges e monjas vestem-se de branco.

Cana às vezes

Expressão a partir da qual terá resultado o topónimo Marco de Canaveses.

Dulce de Aragão

Filha de Raimundo Berenguer IV, rei de Aragão, e de D. Petronilha. Nasceu em 1152 e faleceu em 1198. Casou com o rei D. Sancho I em 1174. Para além de Mafalda Sanches, D. Dulce teve mais dez filhos.

Egas Moniz

Também designado por o Aio, foi o educador de D. Afonso Henriques. Nasceu em 1080 e faleceu em 1146. Pertencia aos de Ribadouro, uma das principais famílias nobres medievais portuguesas.

Henrique I de Castela

Nasceu em 1204 e foi rei de Castela entre 1214 e 1217. Era filho de Afonso VIII de Castela e de sua esposa Leonor Plantageneta.

Ordem Beneditina

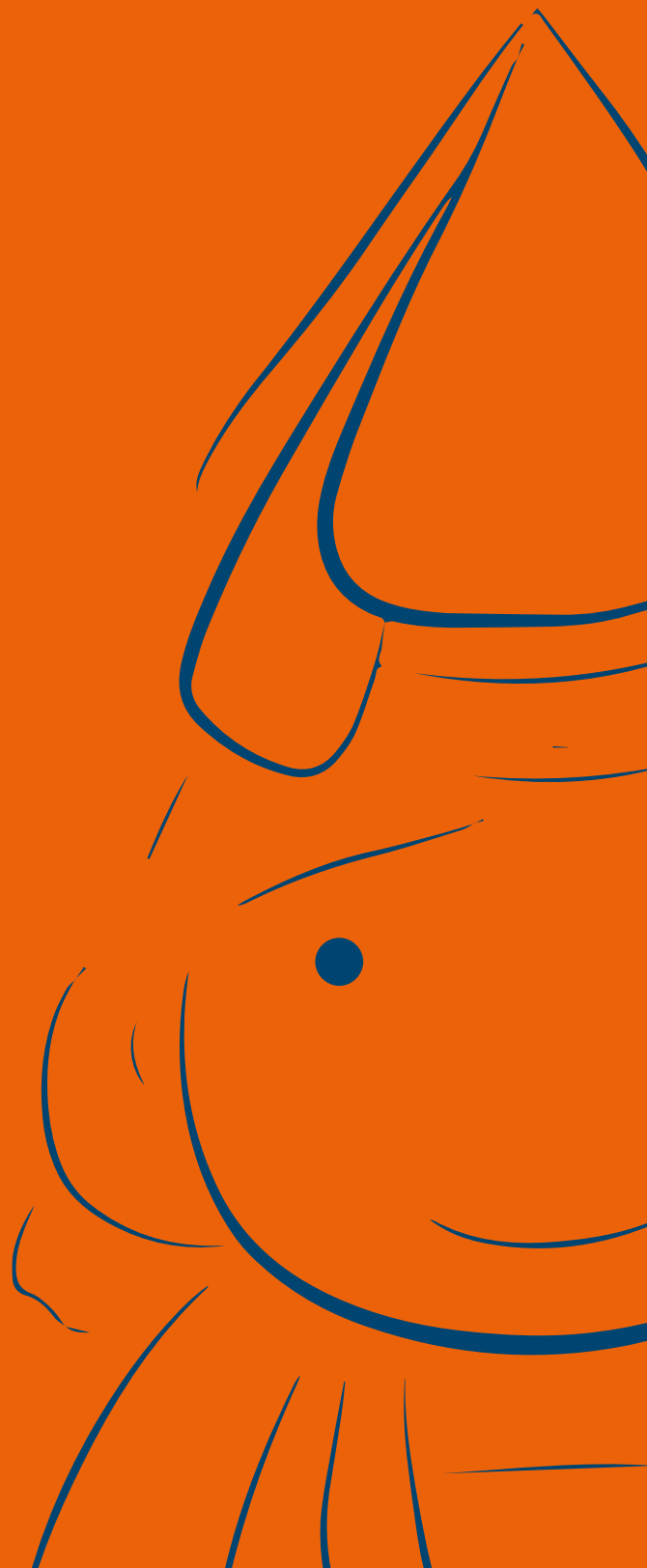
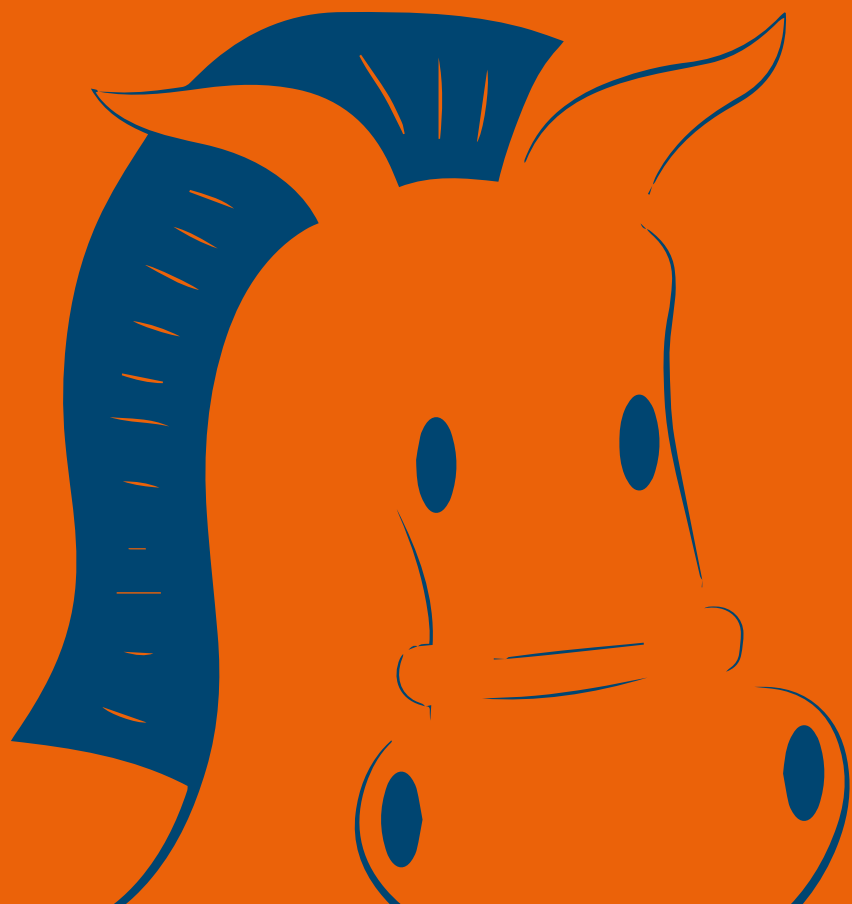
Organização religiosa que segue a regra, ou seja, as leis estabelecidas por São Bento, santo patrono desta ordem. Os seus monges e monjas vestem-se de negro.

Sancho I

Filho de D. Afonso Henriques, nasceu a 11 de novembro de 1154 e faleceu a 26 de março de 1211. Sucedeu ao seu pai no trono português a 9 de dezembro de 1185. Ficou conhecido como o Povoador por ter incentivado o povoamento do território nacional.

Urraca Viegas

Quarta filha de Egas Moniz e de Teresa Afonso. Era viúva de Vasco Sanches de Celanova, falecido em 1180, na quinta de Barbosa, perto de Paço de Sousa.





Mafalda e a Luz, uma história românica é um conto infantojuvenil que nos remete para diversas vivências da Idade Média, com destaque para as histórias que têm como protagonistas personalidades da realeza e da nobreza dos vales do Sousa, Douro e Tâmega.

Em particular, esta história centra-se na vida e nas lendas associadas a Mafalda Sanches, filha do rei D. Sancho I, e especialmente nos atos que teve de fazer para o bem do reino de Portugal, como o casamento forçado com Henrique I de Castela e as muitas obras que promoveu a favor das povoações da região.

Devido a essas obras, e por ser uma devota católica, as populações locais construíram três memoriais para lembrar a passagem do seu cortejo fúnebre de Rio Tinto para o mosteiro de Arouca, onde uma mula repousa aos pés da sua sepultura...

ISBN 978-989-53883-3-2



9 789895 388332